



Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti@gmail.com

Livro é abrigo

Nasci em 29 de outubro. Desde criança, eu soube que era uma data especial, em que se comemora o dia do livro. E eu, ainda menino, desenvolvi um enorme fascínio por eles. Primeiro, foram as revistinhas em quadrinhos, os gibis, que não deixam de pertencer, de certa forma, a essa categoria. Depois, veio a literatura de fato e direito. Ah, a Coleção Vaga-lume... Essa foi a minha primeira grande imersão no universo literário da

ficção. Foi quando segui o coelho apressado que me arrastou ao País das Maravilhas: a biblioteca pública da minha cidade, a mineira Lavras.

Foi ali, entre estantes altas e o silêncio respeitoso da biblioteca pública, que eu entendi que a leitura não era apenas um passatempo, mas um destino. Cada livro retirado era uma espécie de pacto, em que eu levava uma história para casa e, sem perceber, deixava um pouco de mim em troca. Lia com voracidade, como quem tenta dar conta do mundo antes que ele escape. Lia para me reconhecer e, principalmente, para inventar outros jeitos de existir.

Em algum momento — e eu não sei precisar quando —, a leitura já não bastava. As histórias começaram a se acumular dentro

de mim com uma urgência própria, pedindo passagem. Escrever surgiu menos como escolha e mais como consequência natural daquele menino que passava horas folheando páginas emprestadas. Eu queria contar também, criar personagens, cenários, conflitos. Queria devolver ao mundo aquilo que os livros tinham feito comigo.

Meu primeiro livro veio em 2008, impresso, palpável, com capa, Lombada e cheiro de tinta fresca. Como foi incrível a sensação de segurá-lo pela primeira vez! Havia ali um misto de esprito e pertencimento: eu tinha atravessado a fronteira invisível que separa o leitor do escritor. Ver meu nome na capa era menos sobre vaidade e mais sobre confirmação. Eu podia.

Depois, vieram outros livros, já em

formato digital. O tempo mudou, as plataformas se multiplicaram e, com elas, as possibilidades. O digital democratizou o acesso, encortou caminhos, abriu portas antes impensáveis para escritores como eu. Foi nesse formato que nasceram A orquídea e o beija-flor e Ainda sou mar, obras que, agora, encontram leitores em diferentes lugares, atravessando telas e fronteiras com a facilidade de um clique. Sou grato a isso — afinal, mesmo aos 46 anos, sou um filho desse tempo.

Ainda assim, confesso: existe uma saudade que o digital não apaga. A saudade do livro como objeto, do peso exato nas mãos, do vazio de páginas quase ritualístico, das anotações à margem, do marcador improvisado. Existe algo de profundamente íntimo em uma obra impressa que carrega marcas

de uso, orelhas dobradas, dedicatórias. É algo que resiste ao efêmero.

Talvez, por isso, eu ainda sinta essa necessidade quase teimosa de ter um novo livro físico. Não por nostalgia vazia, mas por entender que algumas histórias pedem corpo. Com o papel, vem a permanência. O digital é rápido, funcional e necessário. Mas o livro — assim como este jornal impresso, que eu amo fazer nascer — é abrigo.

No fundo, continuo sendo aquele menino da biblioteca de Lavras, encantado diante das estantes, acreditando que os livros — impressos ou não — têm o poder de nos salvar. Mas sigo sonhando com o dia em que abrirei novamente uma caixa, retirarei de dentro dela um novo exemplar e, mais uma vez, sentirei que cheguei.

» Entrevista / VALDIR OLIVEIRA / GERENTE DE CAPITALIZAÇÃO E SERVIÇOS FINANCEIROS DO SEBRAE

Ao CB.Poder de ontem, o ex-secretário de Desenvolvimento Econômico do DF destacou a importância do Acredita, que oferece recursos com capacitação e consultoria individual a pequenos empresários, com custo mais barato

Programa amplia acesso ao crédito

» ARTUR MALDANER*

E preciso garantir alívio de custo, apoio à gestão e crédito facilitado para pequenos empreendedores, defendeu o gerente de Capitalização e Serviços Financeiros do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), Valdir Oliveira, em entrevista, ontem, ao CB.Poder — parceria entre o Correio e a TV Brasília. Aos

jornalistas Samanta Sallum e Roberto Fonseca, o ex-secretário de Desenvolvimento Econômico do DF falou sobre o Programa Acredita, que oferece um sistema assistido de concessão de crédito bancário, com capacitação e consultoria individual, além das principais dificuldades enfrentadas pelos pequenos empreendedores, como a alta carga tributária. Confira, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Como funciona o Programa Acredita, do Sebrae?

Se a gente perguntar para os pequenos empresários: "Quais são maiores dificuldades com relação ao crédito?", eles vão apontar duas. Primeiro, eles não têm acesso, os bancos não abrem as portas. Números do Sebrae mostram que apenas 12% dos pequenos negócios no Brasil conseguem ter acesso a crédito, de fato, nas instituições financeiras. E o segundo problema é o custo dessa operação. Aquela que vence, que entra, paga tão caro que, às vezes, tem uma grande dor de cabeça. No Sebrae, construímos um modelo em cima de uma iniciativa do governo federal, que é o Programa Acredita. Esse programa tem a missão de descentralizar o crédito para os pequenos empresários, com um custo mais barato, dando condição para que eles possam realizar o sonho de ter um negócio próprio. Além da garantia do Fundo de Aval às Micro e Pequenas Empresas (Fampe), a gente entra com crédito assistido, que alia capacitação e consultoria à decisão do crédito. Isso é fundamental para que essas empresas tenham

sustentabilidade, acreditem de fato naquilo e não vejam o sonho se transformar num pesadelo.

Quais são os erros mais comuns nas negociações de crédito?

Como evitar que ele entre apenas para resolver o problema financeiro no caixa das empresas?

A grande dificuldade é que o crédito chama a atenção do empreendedor pelo valor da parcela que ele vai pagar. Quando ele vê um crédito à disposição, corre para fazer. E aí a sedução do dinheiro faz com que essa "automedicação" aconteça. Se a gente pode recomendar uma grande solução, é que as pessoas procurem os especialistas para entender se o crédito é, ou não, necessário. Se os empreendedores fizerem isso, teremos, seguramente, uma grande geração de empregos no Brasil, porque a economia brasileira funciona em cima dos pequenos negócios. Por esse motivo, defendemos a tese de que o crédito assistido precisa ser implementado. Estamos com uma inadimplência muito elevada, já ultrapassando os 8%, em função da Selic muito alta. No ano que vem, muita



Aponte a câmera do celular para ver a entrevista completa

gente vai precisar de renegociação. Nessa situação é importante planejar e, para que isso dê certo, tem que estar junto com o Sebrae.

Como o pequeno empresário pode recorrer ao Sebrae?

O portal sebrae.com.br/acredita é uma porta de entrada para quem quer entender como funciona esse processo de crédito.

Ali, a pessoa é encaminhada para um Sebrae estadual, onde terá a orientação adequada para cada necessidade. Alguns vão precisar de uma consultoria pré-crédito mais elaborada; outros, de um plano de negócio.

Existe um movimento, apoiado pelo Sebrae, para a atualização da tabela do Simples Nacional e do Simples Local, porque ela estaria defasada. Como está essa situação?

Esse limite está congelado no Distrito Federal desde 2018. O limite nacional aumentou para R\$ 4,8 milhões e aqui continua R\$ 3,6 milhões. Portanto, os pequenos empresários

do Distrito Federal estão sendo tratados como grandes. Aquelas que faturam acima de R\$ 3,6 milhões estão fora do limite do Simples Nacional. Então, eles estão tendo que fazer composição e pagamento como se fossem grandes empresários. Um outro ponto que dificultou muito essa carga tributária foi o aumento do ICMS. O Governo do Distrito Federal aumentou de 18% para 20%. Isso é um absurdo, em um momento como esse, em que as pessoas estão tentando sair das dificuldades da pandemia. Eles esfolam o pequeno empresário, que não tem como pagar o valor necessário de tributo. O Distrito Federal,

infelizmente, tem uma dificuldade com impostos mais elevados e a gente vê, por exemplo, que o BRB não quis operar conosco

Como está a adesão dos bancos públicos e privados ao programa Acredita? O senhor citou o caso específico do BRB.

Temos 26 instituições financeiras parceiras do programa. Em junho de 2020, o BRB assinou um convênio com o Sebrae para operar o Fampe, mas nunca operou. Este ano, o convênio venceu e o dinheiro ficou lá parado, e eles não quiseram utilizar esse recurso como garantia. A gente fica triste, porque o que mais tem no DF é pequeno empresário. E nós demos essa oportunidade para fazer não só a operação de crédito, mas a possibilidade de vincular a proposta ao crédito assistido, mas o BRB não quis fazer. Foi uma opção estratégica do banco, não nos explicaram por quê. Simplesmente, não quiseram ficar com o dinheiro e esperaram encerrar o convênio.

O senhor acredita que essa situação do BRB envolvendo o Banco Master influenciou nessa questão?

Não. Mas essa questão envolvendo o Banco Master preocupa muito Brasília, quando você vê um banco público comprar R\$ 12 bilhões de uma carteira e não avaliar essa carteira. E, depois, ainda queriam comprar esse banco. São informações complexas para a gente entender, especialmente o pequeno empreendedor que quer ter acesso a crédito.

*Estagiário sob a supervisão de Eduardo Pinho

DIVERSÃO

Magia do Natal em quatro rodas

» DARCIANNE DIOGO

Há seis anos, na véspera de Natal, Brasília ganha cor para além dos prédios e estruturas enfeitadas. O brilho se concentra em um sedã Versa iluminado e no motorista que o conduz, vestido de Papai Noel. Roberto Charles Bezerra, 41 anos, une trabalho e diversão numa coisa só. Ao mesmo tempo que exerce a função de motorista de transporte por aplicativo, espalha encanto a quem cruza seu caminho.

Antes de se vincular à plataforma de viagens, Roberto passou por várias empresas e tem a carteira de trabalho cheia de carimbos. Foi frentista, balconista, vendedor, e por aí vai. Há oito anos, quando o desemprego bateu à porta, encontrou a saída — como a de centenas de brasilienses — no transporte por app.

De riso fácil e considerado

"gaiato" entre a família, ele decidiu fazer diferente nos natais. Há seis anos, se fantasia de Papai Noel e faz do carro um trenó terrestre. O veículo tem características únicas: fitas de luzes de LED, presépio no painel, fitas metalizadas, gorros e, no banco de trás, uma caixinha com mensagens motivacionais para o passageiro tirar uma.

"Eu já tinha a fantasia e já fazia brincadeiras com a família. Graças a Deus, todos me apoiam e acham maravilhoso. Sempre fui alegre e senti que precisava levar essa alegria aos outros", disse Roberto, que é casado e tem três filhos maiores de idade.

O espetáculo tem dias e horários específicos. Roberto opta por rodar no Plano Piloto com a fantasia e o trenó terrestre entre 15 e 24 de dezembro, na véspera. O horário também é estratégico: das 16h30 até 1h da madrugada,



Em dezembro, o motorista de aplicativo Roberto Charles se veste de Papai Noel e transforma seu carro em trenó para alegria dos passageiros

isso porque as luzes do carro ficam mais evidentes. Por onde passa, é impossível não chamar a atenção. As crianças e até mesmo os adultos o cercam, fazem pedidos para a data natalina, dizem que se comportaram e tiram fotos. "Quando

vou atender o passageiro, antes mesmo de parar o carro, eles já ficam rindo. E se empolgam", fala.

A caracterização faz Roberto desembolsar até um pouquinho a mais nesse período. Ele conta que é contratado pelos pais para

entregar presentes às crianças nas casas, serviço esse de orgulho, segundo ele. "Geralmente, é quando a criança está dormindo. Eu vou e, quando estou prestes a sair, o pai acorda o filho e diz que o Papai Noel fez uma visita. A criança me

vê saindo. Isso é só para manter a magia do Natal viva nos corações."

Para este ano, Roberto deseja muita saúde, paz e felicidade. Ele observa o esfriamento das pessoas quanto à data natalina, mas diz não perder as esperanças.